

Resenha do livro “Sons & expressões: a música na Educação Básica” *Luciana Pires de Sá Requião*³⁴

RODRIGUES, Adriana; CONDE, Cecília; NOGUEIRA, Marcos. *Sons & expressões: a música na educação básica*. Rio de Janeiro: Rovel, 2013, 239p.

Publicar ideias e pensamentos é sempre um risco. Para isso, há de se considerar a provisoriedade do conhecimento e, acima de tudo, a impossibilidade em se controlar a forma de recepção daquilo que foi posto. Mas é aí que está a graça. O que é o risco senão aquilo que nos move? Materializar ideias e experiências em forma de texto, compartilhá-las, colocá-las à prova, tudo isso é também um ato de grande generosidade. Foi isso o que os educadores Adriana Rodrigues, Cecília Conde e Marcos Nogueira fizeram. Condensaram anos e anos de experiência com a música em um livro que busca atender àqueles que atuam na educação básica.

Dessa forma, toda a rica trajetória musical e profissional trilhada pelos autores pode ser percebida em “*Sons e Expressão: a música na educação básica*”. O livro teve a sua primeira edição publicada em 2013, ano em que já se acumulava no país uma leva de materiais didáticos desenvolvidos após a promulgação da Lei 11.769, que previa a música como componente curricular da disciplina Artes em toda a educação básica.

O livro consta de duas partes precedidas pelo prefácio e por uma apresentação. Nesses textos introdutórios os autores enfatizam a necessidade de se pensar sobre a ausência da música nos currículos escolares e sobre a falta desse componente artístico no projeto educacional brasileiro. São apresentados marcos históricos na trajetória da música na educação escolar cuja influência de Anísio Teixeira e Paulo Freire, entre outros, se viu refletir. Neste processo são apontadas as contribuições de importantes educadores musicais estrangeiros e brasileiros. Impossível resumir aqui tais contribuições, mas cabe observar o destaque dado ao desenvolvimento de um pensamento sobre o ensino de música, na direção de uma educação musical preocupada em se aproximar de “procedimentos metodológicos relativos ao autoconhecimento corporal, à vivência do ambiente sonoro do contexto da ação pedagógica, à identificação da expressão musical comunitária e à formação de linguagens musicais autênticas e contextualizadas” (p.14).

³⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora associada do Instituto de Educação de Angra dos Reis/UFF, docente do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais – PROEMUS/UNIRIO.

Os autores buscam desconstruir a ideia de que a música pode ser entendida como algo delegado somente a músicos, sendo privilégio de alguns indivíduos, e de que crianças chegam à escola sem experiências prévias. Opondo-se a uma educação musical que se restrinja a qualquer tipo de treinamento, enfatizam que

a música da escola só cumprirá integralmente seu papel no processo educacional se representar uma continuidade da experiência musical vivida num contexto de ações e experiências externos à escola, no qual professores e alunos já se acostumaram a atribuir sentido e valor à música (p.21).

Ao final é descrita a estrutura desse material, composta por duas partes subdivididas em módulos, unidades e tópicos. Os autores indicam não haver a necessidade de se seguir rigidamente a sequência de exercícios propostos, e apresentam pressupostos centrais à sua abordagem. Vale ressaltar aspectos do projeto gráfico, idealizado por Marcos Nogueira, que organiza os parágrafos do texto em blocos de forma não alinhada e que dá ênfase a frases chave e conceitos importantes para a argumentação dos autores.

A Parte I do livro apresenta 12 itens que fundamentam o desenvolvimento das propostas das atividades que encontraremos em sua Parte II. Amparados pela noção de competência do sociólogo suíço Philippe Perrenoud, são realizadas no decorrer dessa seção discussões sobre a diferença entre habilidade e competência, assim como são abordadas as noções de vocação, talento e aptidão. Nesse sentido, são valorizados os modelos informais e extraescolares de aquisição de habilidades assim como um comportamento musical “fruto de conhecimentos adquiridos como resultado de construções individuais de sentido” (p.49), destacando a relevância das motivações intrínsecas e extrínsecas ao fazer musical.

A Parte II inicia com um tutorial sobre a organização das atividades, o que inclui a forma como são apresentadas e ainda informações referentes ao título, ao conteúdo do tópico, sobre os destaques dados a conceitos, ao vocabulário descritivo de termos técnicos citados no corpo do texto, aos ícones que indicam a descrição dos procedimentos práticos de atividades, aos recursos didáticos, às relações entre as unidades de cada módulo com a unidade em questão e referências aos arquivos de áudio que acompanham a publicação. Trata-se de dois CDs contendo 166 arquivos no formato WAV.

Nas referências constam obras citadas e obras recomendadas, além do site www.sonseexpressoes.com.br onde são encontrados materiais adicionais.

“*Sons e expressões*” é indicado, em particular, aos “professores pedagogos que atuam na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, etapa de importância capital para o desenvolvimento musical das crianças” (p.10). Sem excluir os

professores especialistas na área da música e da educação musical, os autores destacam que “*Sons e Expressões* foi realizado de modo a enfatizar essencialmente as inúmeras ações musicais que os professores pedagogos, sem treinamento musical convencional, podem perfeitamente produzir e orientar” (p.17). Essa informação é particularmente importante para compreendermos as escolhas feitas pelos autores na organização do livro, tanto no aspecto visual quanto na seleção e organização das atividades, buscando tornar esse conhecimento acessível ao pedagogo.

Entretanto, já no texto de sua apresentação, percebemos a grande dificuldade que é produzir um material para um público não especializado em música. Se, de um lado, a experiência dos autores consegue dar conta de sintetizar os fundamentos de sua prática, para um professor não especialista essas ideias poderão não se mostrar suficientemente claras. Um elemento dificultador, por exemplo, é o uso de termos não familiares a esse público como: textura, timbre, melodia, harmonia, e noções como agógica e dinâmica, entre outros.

Em toda a Parte I fica a sensação de que o livro não é para “amadores”. Isso porque, como já dito, é fruto da rica experiência de três educadores musicais. É possível ser necessária a mediação de um educador musical mais experiente para que professores não especialistas possam ter uma ampla compreensão acerca dos elementos apontados e das discussões empreendidas. De certa forma isso é previsto quando os autores informam que “reservamos algumas experiências envolvendo certas especificidades técnicas, para aqueles que se sentirem mais seguros e confiantes, mas que também poderão ser realizadas com a ajuda de outro professor mais experiente, caso o professor da turma ache conveniente” (p.36).

Um aspecto importante abordado é o fato de a música ser uma experiência abstrata, que “só pode ser traduzida, conceitualizada e comunicada discursivamente por meio de metáforas visuais” (p.53). Aqui temos um elemento que pode confirmar a necessidade de mediação entre os professores não especialistas em música e o conteúdo do material. Conforme dito, como uma forma não visual, necessitaríamos dessa capacidade de abstração, no sentido de se construir mentalmente uma “‘realidade virtual’ para a música, uma espécie de abstração de realidade objetiva, espacial e visual” (p.53). Isso porque “parece que ao menos uma parte significativa do nosso entendimento musical depende da nossa habilidade para descrever coerente e convincentemente os objetos musicais como objetos animados ocupantes de um espaço fenomênico (imaginado) temporalizado” (p.55). Pode ser que essa tarefa não seja tão simples para professores com pouca experiência na área.

De todo modo, o mais importante e também muito instigante, é a nossa incapacidade de prever as formas como materiais dessa natureza serão apropriados, modificados, combinados com outras referências, entre tantas possibilidades de uso. A educadora musical Maura Penna, na orelha do livro, ressalta que isso é justamente uma das qualidades das atividades propostas, possibilitando ao professor adaptá-las “de modo a atender às particularidades de suas turmas”. Por outro lado, e com o que estamos de acordo, Penna observa que “certamente o professor licenciado em música, pela formação específica, tenha maior facilidade e disponha de mais elementos para ampliá-las”. Fica então o desafio para esse professor pedagogo, não especialista, a encarar o conteúdo musical como parte fundamental de seu trabalho e buscar, em materiais como esse, conhecimento, apoio e estímulo. Para nós, especialistas, fica também o desafio de pensar em como contribuir para formação musical do pedagogo e tornar legível o conteúdo musical a esses professores não especialistas.